

O último hussardo

B. era rodeado por mistério e importância. Alguns dos seus conhecidos sabiam algo sobre ele, mas poucos sabiam tudo. Só a sua mulher, a mãe e a avó sabiam tudo. Os restantes parentes e até os filhos estavam condenados a conjecturar.

Todas as noites, depois de as crianças terem ido para a cama, B., em chinelos, sentava-se junto do candeeiro a ler o jornal, e a mulher vinha ajoelhar-se ao pé dele, pousava a cabeça nos seus joelhos e, olhando-o nos olhos, dizia em voz baixa: «Por amor de Deus, B., vê se tens cuidado...»

B. detestava caldo de ossos de vitela. Detestava igualmente o regime.

B. é um herói.

Por vezes regressa a casa sorridente mas silencioso. Aqueles que lhe são mais queridos sabem que, se ele quisesse e pudesse, teria muito para lhes contar. À noite, a mulher, timidamente, sem disfarçar a admiração, pergunta-lhe: «Outra vez?»

B. acena a cabeça e espreguiça-se. Todo o seu ser irradia força viril.

"Onde?" inquire a mulher, surpreendida com a sua própria audácia.

B. levanta-se e dirige-se à porta. Abre-a repentinamente, certificando-se de que ninguém está à escuta. Procura por detrás das cortinas. E responde, num sussurro: «No lugar do costume.»

«Ai homem», exclama a mulher.

Esta curta palavra exprime tudo.

Como já mencionámos, entre os amigos, B. goza de uma reputação um tanto misteriosa, mas excitante: «B. deve ser cauteloso...» «B... corre algum perigo??» «B. é que osensina?»

A mãe preocupa-se com ele. Anda preocupada, mas orgulhosa. Refere-se-lhe sempre dizendo: «O meu filho». A avó, senhora idosa e decidida que vive só, sente-se unicamente orgulhosa. Nunca deixa transparecer temor ou preocupação. Diz à filha, mãe de B.: «Há que correr riscos na nossa idade. A nossa causa precisa de homens destemidos. Se o Eustácio fosse vivo, faria exactamente o mesmo.»

Quando fala aos bisnetos, diz: «Orgulhem-se de ter um pai assim»? e ao mesmo tempo mostra-lhes gravuras de cavaleiros com plumas galopando pela planície fora. «O vosso pai podia fazer o mesmo. Ainda não se deu por vencido.»

Entretanto, B. vai aos urinóis. Com cuidado, fecha a porta à chave. Inspecciona o cubículo com olhos faiscentes. Está sozinho? Com um movimento lesto, tira o lápis do bolso e escreve na parede «Abaixo o Comunismo!»

Abandona o urinol apressadamente e salta para o primeiro táxi ou coche que encontra. Dá uma direcção que não é a sua. Sai e dirige-se a casa por caminhos desviados do trajecto normal. A noite, a mulher pergunta-lhe timidamente: «Outra vez?»

B. já há bastante tempo que actua deste modo e, apesar desta vida arriscada lhe ter abalado os nervos e causado insónias, não desiste.

É cuidadoso e muda de letra. De vez em quando, pede a caneta emprestada ao seu chefe.

«Se eles conseguem identificar a caneta. ah! ah! ah!». Emite um riso agoirento, só de pensar nos incómodos que o chefe sofreria, com esta manobra de despiste dos seus, de B., perseguidores. Os tiranos.

Por vezes B. sente o sangue gelar-se-lhe nas veias, em contacto com o perigo. Uma vez, por exemplo, quando escrevia numa parede «Os católicos não desistirão», alguém bateu à porta com força. Estava certo que eram ELES que o vinham buscar. À pressa, apagou o slogan. Continuavam a bater. B. engoliu o lápis. Abriu a porta. Viu um homem forte de face avermelhada. Estava a fechar uma pasta. O acusador público? Sem dizer palavra, empurrou B., entrou na retrete e fechou a porta.

B. nunca mais se esqueceu deste incidente...

Olhava todos os empregados dos urinóis com desconfiança. Podia acontecer que algum deles fosse um espião disfarçado.

Num dia de Inverno, marchava para o campo de batalha do costume quando uma coisa o fez parar de terror. A porta do urinol estava fechada. A giz, via-se uma brutal inscrição, sem dúvida obra do inimigo, «Fechada para obras».

B. sentiu-se como um hussardo, ao perder a espada na confusão da batalha.

Mas decidiu continuar a batalha. Foi para a estação do caminho de ferro. Aí encontrou um pelotão de soldados dirigindo-se para o seu objectivo. A desconfiança aumentou. Não só se tinham servido de subterfúgio traiçoeiro? «Fechada para obras»? como declaravam estado de sítio. Imaginava tropas ocupando todos os urinóis. Mas ele era esperto demais para se deixar apanhar. Compreendia facilmente as suas tácticas toscas. Não o apanhariam.

Era óbvio que na cidade todos os objectivos deviam ter sido ocupados, incluindo o Hotel Polónia e a cantina comunal «Gastrónomo 1». Decidiu portanto atacar noutros sítios. A última palavra pertencia-lhe.

Meteu-se num comboio, saiu na primeira paragem e dirigiu-se para a pobre aldeia que se avistava no vale. Mal chegou à primeira casa, pediu se podia ir aos lavabos.

«O quê?» Ficaram surpreendidos. «Nós fazemos atrás das árvores», responderam-lhe.

Anoitecia nas matas. Tanto melhor, pensou. Foi para o meio do arvoredo e escreve na neve: «O General Franco há-de ensinar-vos!»

Regressou a casa. Nessa noite, ficou durante muito tempo em frente do espelho a pensar se lhe ficariam bem as dragonas de um hussardo.